



*Quem luta
também educa*

Projeto Nacional de Qualificação Profissional - CUT Brasil

Programa Integração

Módulo 6:
Gestão & Alternativas de
Trabalho e Renda

CADERNO DE
ORIENTAÇÃO
METODOLÓGICA

QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL, ENSINO
FUNDAMENTAL E DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL E SOLIDÁRIO

2001

*"O meu olhar é nitido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer:
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo".
(Fernando Pessoa)*

Aos Educadores,

O Programa Integração tem como objetivo impulsionar um processo em que os conhecimentos, social e historicamente acumulados sejam ativamente apropriados, reafirmados, modificados ou abandonados, de maneira crítica.

Toda atividade formativa deverá tender à autoformação, e toda atividade de capacitação deverá ser pensada em função do seu efeito multiplicador, tanto no que se refere a ampliação do repertório de cada um, quanto no que se refere à possibilidade de socialização desses enfoques críticos sobre a realidade, com vistas a combater a idéia da naturalização das atuais formas de relações sociais, assumidas como eternas, imutáveis e imperativas; diante das quais nada poderíamos fazer.

Dai a importância de se estabelecerem temas permanentes que se articulem com as mais variadas áreas e, permitam ir incorporando cada novo conhecimento ao já existente num processo de aprofundamento progressivo, permitindo a ampliação dos espaços de autonomia e criticidade diante da realidade, entendendo-a em sua relação histórica com os homens que a modificam. Trata-se de perceber cada fenômeno particular dentro do movimento que o relaciona com a totalidade social e o momento histórico.

Cabe a todos nós estimular a participação de todos os sujeitos envolvidos no processo. Este caderno busca contribuir neste desafio.

Um bom trabalho a todos!

Programa Integração

SUMÁRIO

Módulo 6:

Área Gestão & Alternativas de Trabalho e Renda

Apresentação

Temas.....	1
Objetivos Gerais.....	2
Objetivos Específicos.....	2
Fichas Proposta no Módulo.....	3
Abordagem I.....	5
Abordagem II.....	20
Abordagem III.....	27
Abordagem IV.....	40

ÁREA – GESTÃO & ALTERNATIVAS DE TRABALHO E RENDA

MÓDULO 6

Temas

- ◆ Gestão
- ◆ Desenvolvimento Sustentável e Solidário
- ◆ Desenvolvimento x Crescimento econômico
- ◆ Sustentabilidade Local
- ◆ Relações sociais - Solidariedade x Práticas Sociais Antagônicas
- ◆ Relações sociais – Autonomia x Heteronomia
- ◆ Estado
- ◆ Planejamento e Orçamento Público
- ◆ Políticas Públicas
- ◆ Meio Ambiente
- ◆ Cidadania e Participação Popular
- ◆ Relações de Gênero
- ◆ Trabalho

Objetivos gerais

Desenvolver o processo ensino-aprendizagem para possibilitar a apreensão:

- ◆ do conceito de desenvolvimento sustentável e solidário
- ◆ da atual mudança de paradigma de Estado
- ◆ do papel da participação da sociedade na definição das políticas públicas
- ◆ da finalidade e importância dos instrumentos de gestão relacionados às políticas públicas e alternativas para a geração de trabalho e renda
- ◆ da distinção entre autonomia e heteronomia

Objetivos específicos

Estabelecer junto aos alunos-trabalhadores:

1. a distinção entre desenvolvimento e crescimento econômico
2. a problemática da relação entre a sustentabilidade local (em seus aspectos econômico, ambiental e social) e o desenvolvimento nacional
3. o entendimento de que o crescimento econômico pode ocorrer de modo harmônico ou desarmônico com o equilíbrio ambiental
4. o entendimento sobre a atual mudança de paradigma do Estado: de um Estado provedor (políticas públicas voltadas para demandas sociais) para um Estado gestor (políticas públicas de oferta de serviços orientados pelo mercado)

5. o entendimento do papel estratégico que o planejamento das políticas públicas e o controle do orçamento público tem para efetivar uma cidadania concreta
6. a comparação entre cidadania formal e cidadania concreta e as implicações advindas de se adotar um ou outro modelo
7. a relação entre gestão, autonomia e heteronomia
8. a distinção entre práticas sociais regidas pela solidariedade e as regidas pelo antagonismo (de uma perspectiva individual, familiar, grupal, de classe)
9. das relações de gênero estabelecidas na sociedade em geral, e no trabalho em particular

Fichas propostas para o módulo:

Ficha 1 – Israel, G.; Romero, N. & Cazusa. 1988. *Brasil*. Ed. Warner Chappell.

Ficha 2 – Silva, José Justino. 2000. *Poema*. Núcleo de Jaboatão/PE – Cntss.

Ficha 3 – Imagens: Santos, Jurandir & Santos, Félix Pereira – alunos trabalhadores do núcleo de Santo Amaro da Purificação/BA – CNQ. Fotos nº 879014, 887039 e 862045 - Banco de Imagens em CD – reprodução livre.

Ficha 4 – Sader, Emir. 2000. *Neoliberalismo ou Democracia*. Folha de São Paulo, 02/10/2000.

Ficha 5 – Peliano, José Carlos Pereira. 1999. *Números da desigualdade e pobreza no Brasil*.

- Ficha 6 – Verissimo, Luis Fernando.1997. *Pós-guerras*. In: O marido do Dr. Pompeu. L&M Pocket: Porto Alegre/RS.
- Ficha 7 – PMSA & Fundação Santo André. 1992. *Relação com a comunidade*. In: Prefeitura Municipal de Santo André: Direito à Cidade.
- Ficha 8 - [http\www.Amazonlife.com](http://www.Amazonlife.com) – amazoninfo. 05/10/2000. *Crescendo com Cidadania e Organização Social*.
- Ficha 9 – Rique, Monica. 1999. *Os Pioneiros de Rochdale e os princípios do cooperativismo*. In: Integrar Cooperativas. São Paulo: Unitrabalho & Programa Integrar/CNM-CUT.
- Ficha 10 – Haug, Wolfgang Fritz. 1997. *A aparência apresentada como imagem refletida do desejo, na qual caímos*. In: Crítica da Estética da Mercadoria. Tradução: Erlon José Paschoal. São Paulo. Fundação Editora da UNESP. Págs.: 76-78 e 83-84.
- Ficha 11 – Rodrigues, Iram Jácome. 1999. *O Novo sindicalismo – vinte anos depois*. Ed. Vozes, EDUC e Unitrabalho. Págs. 80 a 83.
- Ficha 12 – Rique, Monica. 1999. *Os princípios da Aliança Cooperativa Internacional - ACI*. In: Integrar Cooperativas. São Paulo: Unitrabalho & Programa Integrar/CNM-CUT.

Abordagem I

Visa desenvolver os seguintes objetivos específicos do módulo:

- ✓ a distinção entre desenvolvimento e crescimento econômico
- ✓ a comparação entre cidadania formal X cidadania concreta e as implicações advindas de se adotar um ou outro modelo
- ✓ a relação entre gestão, autonomia e heteronomia
- ✓ as relações de gênero estabelecidas na sociedade em geral, e no trabalho em particular

Material Utilizado:

Ficha 2: *Poema*, de José Justino Silva, **Ficha 4:** *Neoliberalismo ou Democracia*, de Emir Sader e **Ficha 5:** *Números da desigualdade e pobreza no Brasil*, de José Carlos Pereira Peliano.

Subsídio para os Educadores:

BUFFA, Ester. Miguel Arroyo. Paolo Nosella. 8ª ed. *Educação e Cidadania: quem educa o cidadão?* São Paulo: Editora Cortez, 2000.

MÉSZÁROS, István. *Filosofia, Ideologia e Ciência Social*. São Paulo: Editora Ensaio, 1999. - **Págs. 203 à 217.**

SADER, Emir. *Século XX - Uma Bibliografia não Autorizada*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000 - **Págs. 7 à 13; 119 à 129; 133 à 137.**

FIORI, José Luís. *O Capitalismo e suas vias de Desenvolvimento*. In: *Desorganizando o Consenso*. Petrópolis: Editora Vozes. (Caderno de Subsídio do Módulo 3)

Desenvolvimento 1:

Propomos que os educadores realizem um debate com os alunos, buscando estabelecer a distinção entre **Desenvolvimento e Crescimento Econômico**, a partir da seguinte informação, que **não consta** das fichas para os alunos:

PIB (Produto Interno Bruto) – Maiores Economias do Mundo – 1998**Em US\$ Bilhões**

1. EUA = 8.179
2. JAPÃO = 3.797
3. ALEMANHA = 2.142
4. FRANÇA = 1.436
5. INGLATERRA = 1.362
6. ITÁLIA = 1.172
7. CHINA = 993
8. **BRASIL = 776**
9. CANADÁ = 584
10. ESPANHA = 556
11. MÉXICO = 417
12. ARGENTINA = 391
13. COREIA DO SUL = 295
14. RÚSSIA = 225
15. TAILÂNDIA = 185
16. INDONÉSIA = 132
17. MALÁSIA = 85
18. CHILE = 74

Fonte: Jornal O Globo, de 23.02.2000

Portanto, o Brasil é a 8ª economia do mundo. É também a 1ª economia da América Latina.

Esses dados indicam que o Brasil é rico economicamente, é desenvolvido ou as duas coisas ao mesmo tempo? Por que?

Pode ocorrer, a princípio, que as noções de desenvolvimento e crescimento econômico apareçam sobrepostas, dificultando a distinção entre as mesmas. Caso isto ocorra ou não, é importante que o educador, a partir das falas iniciais, ressalte, mediante o diálogo, a problematização:

O que é desenvolvimento?

A noção de desenvolvimento dos alunos pode vincular-se a falas como:

- *O Brasil é desenvolvido porque tem muitas e grandes indústrias; porque tem um comércio em expansão, especialmente os grandes Shopping-centers; porque tem aeroportos importantes; grandes cidades com muitos prédios; por causa do grande volume de carros em circulação nas cidades; prédios públicos imponentes; porque tem muitos recursos naturais, porque tem a maior floresta do planeta; porque o Presidente é recebido pelos EUA, Inglaterra, etc. com muita importância...*
- *O Brasil é subdesenvolvido, desenvolvido mesmo são os EUA, porque lá não tem pobre, etc...*

Por um lado, há uma tendência na sociedade de se vincular a noção de desenvolvimento à idéia de progresso e os símbolos que lhe dão suporte, propiciando que se entenda o desenvolvimento mediante aspectos externos ao cotidiano vivido. Em geral, as pessoas se referem ao desenvolvimento como algo que se concretiza externamente às suas condições de vida.

Por outro lado, pode-se considerar que o Brasil é subdesenvolvido em relação à outros países mediante a falsa idéia de que estes países são verdadeiros paraísos sociais. Esta noção deriva também, em parte, do ideário de progresso, e portanto não está necessariamente vinculada ao cotidiano de vida das pessoas, nem com as daqui, nem com as de lá.

Podem também surgir falas dos alunos como: *o Brasil é desenvolvido, embora tenha muitos pobres, embora o desemprego seja alto, etc...* Nestes aspectos, em particular, é importante que o educador no decorrer da abordagem proposta, vá construindo com os alunos uma noção de desenvolvimento que inclua os seres sociais, as pessoas, e mais que isso, que expresse a qualidade de vida da população em geral.

A noção de desenvolvimento que consideramos importante ressaltar, embora possa estar vinculada aos níveis econômicos do país, supõe um projeto de sociedade no qual a desigualdade não tem espaço, no qual importa a qualidade de vida das pessoas, o acesso a bens materiais (por exemplo: terra, moradia, vestuário, alimentação, dentre outros) e a serviços sociais (por exemplo: saúde, educação, cultura, etc.)

Proponha a formação de grupos de no máximo três alunos, para trabalhar com a **Ficha 5** (Vide subsídio – *Números da desigualdade e pobreza no Brasil*).

Orientações gerais para os trabalhos em grupo:

No trabalho em grupos, é importante consensuar anteriormente as regras de funcionamento. O tempo de discussão deve ser proposto e acordado previamente. Isto é fundamental para que os componentes do grupo tenham uma atuação mais objetiva, evitando a dispersão. Nos trabalhos em grupo todos devem ter direito à voz, e mais que isso, todos devem ser incentivados a colocar suas opiniões pelo próprio grupo. É importante que o grupo defina quem organiza o debate interno, quem anota as questões debatidas e quem exporá para o coletivo as conclusões do grupo. É também importante que o grupo avalie a participação dos componentes no debate (se o processo foi participativo ou não, se houveram omissões ou dispersões importantes), no sentido de aprimorar o processo coletivo.

Para iniciar, podemos propor questões para discussão entre os alunos como:

Na classificação apontada no Quadro I, o Brasil é o primeiro colocado. Esta posição traz ao Brasil algum mérito? Por que?

Hoje é cada vez mais importante saber interpretar tabelas e gráficos. Uma quantidade enorme de informação pode estar contida num pequeno espaço de texto, se vier traduzida em uma tabela ou gráfico. Bem, por isso, é muito importante que melhoremos cada vez mais a nossa leitura nesta direção.

No entanto, fazer a leitura correta de tabelas, nem sempre é rápido ou até mesmo fácil.

Esta tabela salienta que no Brasil 10% das pessoas (as mais ricas, é claro), detém 50% do total da renda. A nota que consta no rodapé deste quadro enfatiza que quanto maior a colocação neste quadro, maior a desigualdade de renda. Se 50%, ou seja, a metade do total de renda do Brasil vai para as mãos de apenas 10% da população, para os outros 90% de brasileiros restará a outra metade, que continuará sendo muito mal repartida.

O que “diz” o Quadro II?

O Quadro II continua a enfatizar a mesma desigualdade, **comparando** o Brasil com a Grã-Bretanha e com os Estados Unidos. No Brasil, apenas 1% da população detém 17% da renda e 53% da riqueza.

O Brasil tem hoje aproximadamente 170 milhões de habitantes. Observando a Ficha 5 – Quadro II, quantos são os brasileiros que correspondem a 1% da população e quantos são os 99% que deverão dividir a fatia que sobra da riqueza?

Os cálculos poderão ser realizados mediante Regra de Três, já abordada junto aos educadores em módulos anteriores.

Qual o percentual da riqueza nacional a ser dividido entre os 99% da população?

Segundo o quadro, $100\% - 53\% = 47\%$. Portanto, 47% da riqueza nacional deverá ser dividida entre os 99% da população brasileira.

À análise dos dados dos Quadro I e II, seguem-se as seguintes questões para debate:

O fato de o Brasil ser a 8ª economia mundial significa que o país pode ser classificado como “desenvolvido” igualmente por toda a população? Por quê?

Após o debate, os alunos poderão elaborar um texto sobre a questão, no qual deverão incluir as informações contidas nos Quadros I e II para fundamentar sua opinião. Este exercício permite, dentre outros, verificar a capacidade de comparação, coerência do raciocínio e exposição de idéias.

Desenvolvimento 2:

Ficha 4 – Neoliberalismo ou democracia. de Emir Sader

Formar grupos de três ou quatro alunos, no máximo.

Os alunos deverão ler o texto e buscar o significado das palavras desconhecidas, além de discutirem sobre o entendimento do texto.

Após isso, o educador deve solicitar que os grupos se manifestem sobre:

Qual é o assunto central abordado pelo autor?

O que o autor critica no texto?

*Que reivindicação o autor faz para que aquelas críticas sejam superadas?
Em que o grupo concorda ou discorda do autor? Por que?*

Após o debate, solicite que os grupos utilizem a **Ficha 5 – Quadro V**.

O que é salário mínimo?

Interpretando os dados do Quadro V, a que conclusões podemos chegar quanto ao salário mínimo no Brasil, entre 1995 e 1999?

Que impactos isso tem na vida dos trabalhadores?

É importante que o educador oriente a leitura do Quadro, estabelecendo com os alunos a relação entre linhas e colunas, e fundamentalmente com as informações aparentemente acessórias das Notas de Rodapé.

Ao observarmos o quadro V, veremos que ele sugere uma comparação entre os salários mínimos no Brasil, desde 1995. Abaixo deste quadro está indicado que os valores foram “deflacionados”. Com isto devemos entender que houve uma perda de valor destes salários neste período.

- De 1994 para 1995, houve um aumento percentual de 22,6%;

- De 95 para 96, o aumento foi de 0,7%;

- Já de 96 para 97, houve uma queda de 6,6 %. É por isso que a variação em porcentagem é negativa (no quadro está escrito -6,6). Isto não significa que o valor do salário diminuiu, mas sim que seu **valor real** não acompanhou o aumento dos preços. O que se podia comprar com um salário mínimo em 1996, já não era possível adquirir em 97.

- O mesmo ocorreu nos dois anos seguintes. Queda no valor **real** de 3,2 e 4,8%, respectivamente. Também estes dois valores vêm acompanhados do sinal

negativo, pois indicam *redução* do valor real e *conseqüente perda do poder aquisitivo do trabalhador*.

Em seguida, os grupos devem expor suas conclusões.

Se mesmo com a orientação do educador, houverem conclusões equivocadas por parte de alguns grupos, o debate e a análise coletiva das informações deve ser garantida, para se chegar a uma correta interpretação dos dados.

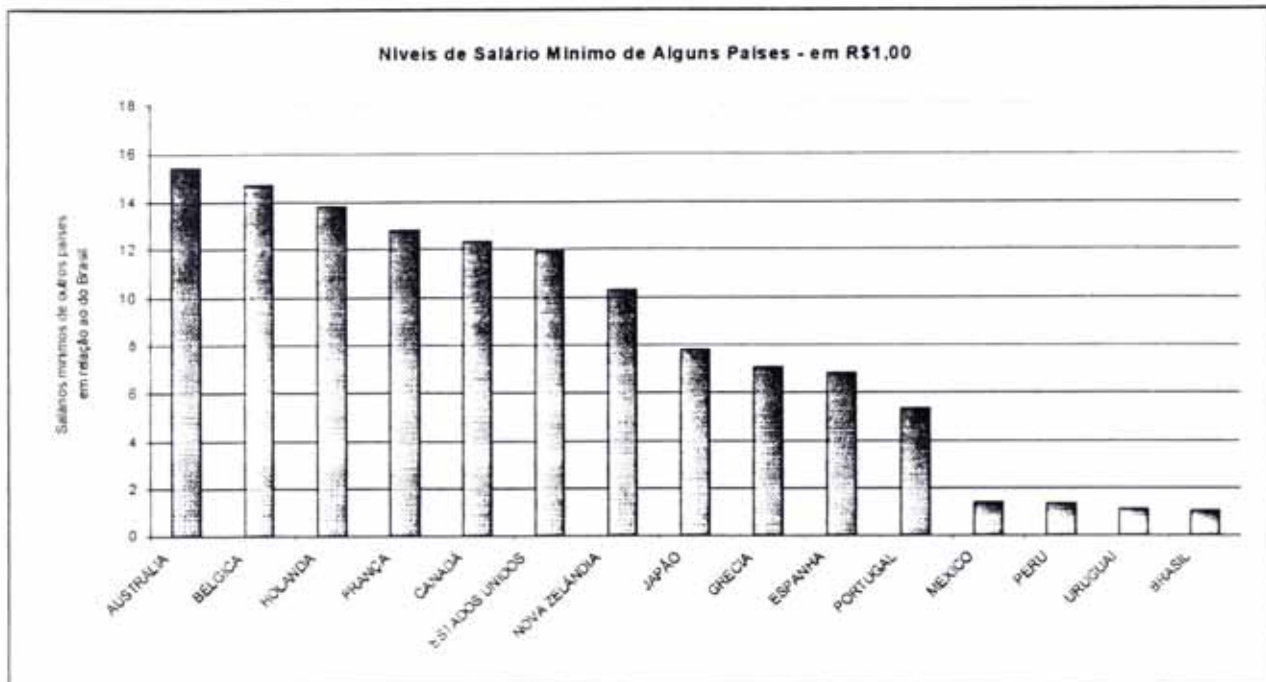
Os mesmos grupos deverão trabalhar, neste momento, com o **Quadro VI – Níveis de salário mínimo de alguns países**.

Um diálogo coletivo pode ser feito para explicitar que o Quadro VI traz dois tipos de **comparação**. A coluna do meio, diz o valor do salário mínimo nos diferentes países em real (moeda brasileira). A última coluna compara o salário dos países com o salário mínimo brasileiro, ou seja, quantos salários mínimos do Brasil “cabem” no salário mínimo de cada país.

Propomos a seguinte atividade:

Solicitar que construam um gráfico de barras com os valores da segunda coluna (salários mínimos de outros países em relação ao do Brasil).

O gráfico traz uma possibilidade de visualizar melhor este desnível. Comentar sobre ela. Como exemplo, propomos a confecção do gráfico seguinte e, a partir dele, ampliar a discussão.



Perguntas que podem ser sugeridas a partir da construção do gráfico:

- ✓ *Quantas vezes o salário mínimo do Brasil cabe dentro do salário mínimo da Austrália ou de Portugal?*
- ✓ *Como podemos comparar o salário mínimo do Brasil com o de outros países da América Latina como o México, Peru e Uruguai?*
- ✓ *Com qual dos dois grupos ele mais se aproxima, da América Latina ou dos outros países? Que considerações poderíamos fazer a partir destas comparações?*
- ✓ *Pode a qualidade de vida de um trabalhador do Brasil ser a mesma que a de trabalhadores com salários 10 ou 15 vezes maior, como ocorre em países destacados neste quadro?*

É provável que a visualização dos dados nos gráficos facilite a discussão das questões. E isto deve ser ressaltado para os alunos trabalhadores. Observar e analisar gráficos ajuda na compreensão da realidade, como as desigualdades sociais.

Após os trabalhos com a **Ficha 5 - Quadros V e VI**, propomos que se retome a discussão sobre a **Ficha 4 – Neoliberalismo ou democracia**, com as seguintes questões:

As informações e as análises dos Quadros V e VI corroboram ou justificam as opiniões do autor do texto Neoliberalismo ou democracia? Quais delas?

Desenvolvimento 3:

Propomos a formação de grupos com 3 a 5 alunos, no máximo.

Solicite que um dos alunos (as) da turma leia em voz alta o texto da **Ficha 2 – Poema**.

Questões para orientação do debate nos grupos:

Quais são as principais características da comunidade a que se refere o autor com relação a:

- a) Qualidade de vida;*
- b) Acesso a serviços públicos essenciais (saúde, saneamento básico, entre outros inferidos pelos alunos)*
- c) relações de gênero*
- d) organização dos moradores em torno das questões sociais;*
- e) atuação política dos representantes eleitos pela população.*

É importante que os grupos organizem a exposição das conclusões em cartazes/quadros, que permitam o debate coletivo visualizando a produção de todos os grupos.

Debate coletivo:

Para o debate coletivo, propomos que o educador exponha a seguinte frase do texto *Poema – Ficha 2*:

“Para não ter melhoria nem confusão, não tem nenhum tipo de associação, grupos de mulheres, clube de mães, minha gente, também não tem não....”

Questões para debate:

Por que o autor associa a idéia de associações, grupos organizados, etc., com a idéia de melhoria e também com a idéia de confusão?

Vocês acreditam que ele tem razão? Por que?

O autor coloca a idéia, implicitamente, que organizações sociais, associações etc., estão vinculadas tanto à noção de melhoria social quanto à de confusão, baderna e conflito advindos da atuação das organizações sociais em luta por seus direitos. É importante ressaltar nos debates coletivos, sempre aproveitando as “deixas” ou falas dos trabalhadores, que a noção de confusão vinculada às lutas dos trabalhadores pode advir, por um lado, de uma alteração nas práticas sociais tradicionalmente estabelecidas, percebida pelos trabalhadores como mudanças no cotidiano. Por outro lado, muitas vezes essa percepção está amalgamada pela noção de ordem e civilidade ideologicamente posta pelas classe dominante, e reproduzida pelos segmentos da classe trabalhadora. Neste sentido, é fundamental debater a quem interessa a melhoria da qualidade de vida e a quem interessa a “confusão”, enquanto prerrogativa de classe.

O debate sobre as relações de gênero deve gerar algumas polêmicas. O autor se refere textualmente a isso assim:

“Tem exatamente 196 homens-machão, que quando as mulheres estão em casa, são elas que mandam então.”

Essa afirmação possibilita uma rica discussão sobre as relações de gênero, porque dentre outros:

- situa as relações de dominação expressas no texto pelo machismo para além da abordagem sexista (no caso, o machismo – dominação orienta a atuação tanto de homens como de mulheres)
- distingue espaços públicos – masculinos, de espaços privados – femininos, possibilitando o debate sobre os motivos que levam a esta distinção, que discursos dominantes lhe dão suporte e naturalizam, além de possibilitar a desnaturalização das relações pelo viés sexista, e a discussão de que a emancipação humana pressupõe a emancipação de homens e mulheres, inclusive dos laços de dominação, para uma sociedade que se pretende solidária.

Após o debate geral, propomos que o educador retome algumas afirmações constantes da **Ficha 4 – Neoliberalismo ou democracia**. Isso pode ser feito escrevendo as frases na lousa, em quadros, etc., dando assim visibilidade ao que se está falando.

O autor afirma que:

"(...) Nossos governos são elogiados pelas autoridades monetárias internacionais e rejeitados pelas opiniões públicas nacionais. Essa corrosão do espírito público leva a um esgotamento da legitimidade dos sistemas políticos, que, como peixes, começam a apodrecer pela cúpula do Estado, pelas elites dominantes...

A América latina requer uma radical revolução democrática social, política e moral...

A América Latina está numa encruzilhada: ou avança no caminho da desagregação social, da renúncia definitiva da sua soberania política e da consolidação de economias novamente primário-exportadoras ou se afirma como um continente coeso, com projeto próprio, com objetivos prioritariamente

democráticos, sociais e culturais, desenhando uma identidade própria e um caminho próprio também."

Questões para debate:

O que é a América Latina?

Suporte com mapas – alunos definem rapidamente países componentes e línguas faladas.

Quem é a América Latina?

Os alunos estabelecem no coletivo composição e aspectos culturais dos povos da América Latina. Deve-se garantir o referente trabalhadores - elites.

Para quem é a América Latina?

As falas podem apontar que a América Latina é, ou deveria ser, para os trabalhadores, para os excluídos, mas na realidade é para as elites. As falas também podem apontar que, idealmente, a América Latina deveria ser para todas as pessoas. Não estamos propondo que este debate seja conclusivo.

Propomos que após este debate os alunos trabalhem em grupos a **Ficha 5 – Quadros III e IV**.

Inicialmente, propomos realizar a “leitura” dos gráficos coletivamente, ou seja, evidenciar a lógica que orienta a organização dos quadros (que informação surge do encontro entre linhas e colunas) e o período (tempo) contemplado nos dois quadros.

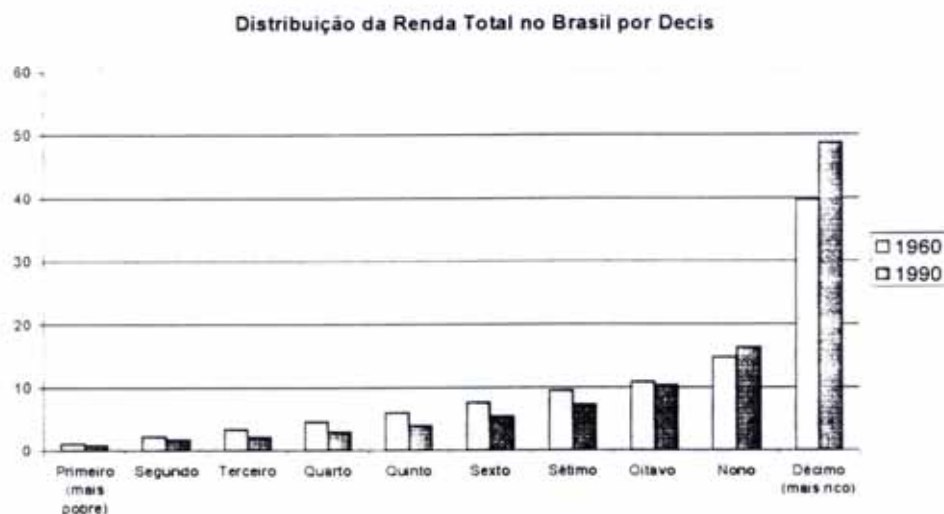
Em seguida, propomos que os alunos façam o gráfico dos Quadros III e IV. Propomos que uma parte dos grupos faça o Quadro III e outra parte faça o Quadro IV.

Os **quadros III e IV**, colocam uma maneira diferente de **comparação**. Os Quadros se intitulam: Distribuição da renda total no Brasil por decis (no quadro III, entre 1960-1990 e no quadro IV, entre 1993-97). População economicamente ativa com renda.

A palavra **decis** indica que a comparação será feita entre os **dez primeiros** – neste caso, os mais pobres.

O gráfico a seguir se refere ao quadro III e compara esses dados em duas décadas diferentes: 1960 e 1990.

Após a confecção dos gráficos, utilizá-los para a comparação entre os períodos analisados.



- ✓ *Qual a tendência predominante na década de 90?*
- ✓ *Que relações guardam a exclusão social e a distribuição de renda no Brasil?*
- ✓ *É possível afirmar que a América Latina é para todos?*

Sublinhar que a concentração de renda não é um fenômeno apenas do Brasil, mas da América Latina em geral, assim como dos demais países ditos “em desenvolvimento”.

A análise dos Quadros sugere que é necessário modificar a distribuição de renda no país para que se supere a exclusão social. Como isso pode ser feito?

Aqui pode ser um bom momento para se tratar da cidadania formal X a cidadania concreta, a cidadania representativa (seus limites e possibilidades) e a cidadania conquistada (seu potencial), assim como o papel da organização dos trabalhadores nas lutas pela qualidade de vida, a participação nas definições das políticas públicas e o controle dos cidadãos sobre o Estado e o desenvolvimento das políticas públicas.

Abordagem II

Visa desenvolver os seguintes objetivos específicos do módulo:

- ✓ a problemática da relação entre a sustentabilidade local (em seus aspectos econômico, ambiental e social) e o desenvolvimento nacional
- ✓ o entendimento de que o crescimento econômico pode ocorrer de modo harmônico ou desarmônico com o equilíbrio ambiental
- ✓ o entendimento do papel estratégico que o planejamento das políticas públicas e o controle do orçamento público tem para efetivar uma cidadania concreta

Material utilizado:

Ficha 3: *Imagens* - Um robô, Floresta, Cidade, Lavoura, **Ficha 8:** *Crescendo com Cidadania e Organização Social*

Subsídio para os educadores:

BIHR, Alain. *Da Grande Noite à Alternativa*. São Paulo: Boitempo Editorial. (Caderno de Subsídio, módulo 3).

FIORI, José Luís. *O Capitalismo e suas vias de desenvolvimento*. In. *Desorganizando o consenso*. Petrópolis : Ed. Vozes. (Caderno de Subsídio, módulo 3)

MÉSZÁROS, István. *Filosofia Ideologia e Ciência Social*. São Paulo: Editora Ensaio, 1999. p.p. 203-217.

MÉSZÁROS, István. *A necessidade de controle social*. São Paulo: Editora Ensaio. (Caderno de Subsídio, módulo 3)

Desenvolvimento 1:

Os dois textos contidos na ficha 8 referem-se a atividades econômicas desenvolvidas na região amazônica. Seria oportuno que o educador abordasse o tema Amazônia, começando por diferenciar Amazônia de Estado do Amazonas e de Região Norte.

A região amazônica tem sido explicada/confundida como sendo a Região Norte do Brasil. A geografia dos livros didáticos, equivocada muitas vezes, tem em muito contribuído para acentuar esta confusão. Em primeiro lugar, deve-se esclarecer que a Região Norte tem origem em uma divisão político-administrativa para fins censitários, enquanto que o conceito de Amazônia está ligado à imensa área ocupada pela floresta latifoliada, que, como se sabe, extravasa a Região Norte abrangendo parte dos estados do Mato Grosso e Maranhão. Isto se tomarmos como referência apenas o Brasil já que a região amazônica se estende pela Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa.

Em função da importância econômica e estratégica dessa região, há projetos para internacionalizá-la. A presença de tropas norte-americanas na Amazônia colombiana, sob pretexto de combater os fornecedores de drogas para o mercado americano e a guerrilha, lança o temor que esta seja apenas a “cabeça de ponte” (lugar por onde se começa a invasão).

A Amazônia tem sido definida como a última fronteira do capital. As atividades econômicas de natureza extrativista ou de subsistência passam a integrar-se ao circuito internacional do capital, a apropriação dos recursos naturais e das terras tem levado a um crescente processo de favelização (construção de habitações precárias em áreas de risco) em Manaus por exemplo, que fica em meio a uma das regiões menos habitadas do país e do mundo. A dizimação física e cultural

da base social anteriormente existente obviamente atinge as populações que viviam nas florestas desde tempos imemoriais.

Os investimentos, como é da natureza do capital, não visam a melhoria das condições de vida da população. A construção de aeroportos, portos, hidrelétricas, ferrovias, zonas industriais como a de Manaus, tem como objetivo tornar viável exploração da Amazônia e do seu povo.

A população indígena que ora está praticamente restrita à Amazônia, continua a ser explorada, as matas são derrubadas para a extração de madeira, e até os seus milenares conhecimentos sobre as propriedades terapêuticas das plantas vem sendo explorados pelas indústrias farmacêuticas.

Os conflitos pela posse da terra, numa das regiões menos habitadas do planeta, têm levado a chacinas como as de Corumbiara e Eldorado dos Carajás. As populações resistem.

Procurando explorar essas informações pode-se desenvolver a seguinte atividade:

Abrir um debate sobre região Amazônica levantando junto aos educandos o que cada um conhece sobre a região, procurando esclarecer os aspectos acima mencionados. Após esse debate propor uma leitura coletiva dos textos, problematizando as diferentes formas de exploração dos recursos naturais que os textos apresentam.

A seguir, propor aos educandos que façam uma pesquisa, salientando que uma pesquisa, essencialmente, visa a produção de conhecimento novo e, qualquer que seja a metodologia empregada, uma pesquisa implica o preenchimento de alguns requisitos:

- 1- a formulação de um problema de pesquisa, isto é, um conjunto de perguntas que se pretende responder, e cujas respostas mostrem-se novas e relevantes socialmente:

- 2- A seleção das melhores fontes dessas informações necessárias para encaminhar as respostas às perguntas feitas;
- 3- A definição de um conjunto de ações que produzam essas informações.

Tipos de fontes de informação:

- Observação direta
- Relato verbal
- Documento

Após esses esclarecimentos, cada educador deverá fazer um levantamento junto aos educandos dos aspectos, relacionados ao tema, que gostariam de pesquisar em sua região, organizando junto com os educandos um roteiro de pesquisa.

Desenvolvimento 2

As imagens da ficha 3 são exemplos das diferentes formas de relação do homem com a natureza e sua transformação: escultura, floresta, cidade e campo. Produção humana, paisagens naturais, urbanas e rurais.

O tema desta ficha sugere pesquisas e estudos históricos sobre as relações entre as sociedades e a natureza. Entre muitas possibilidades, podem ser trabalhadas questões pertinentes aos recursos naturais, às matérias-primas e à produção de alimentos, vestimentas, utensílios e ferramentas, às relações entre os ciclos naturais e as organizações culturais, às explicações e valores construídos, às representações da natureza na arte, ao tipo de propriedade e uso da terra, aos patrimônios ambientais, às relações entre a natureza e as atividades de lazer.

A escultura em forma de robô, feita por alunos do Programa Integração na Bahia, é resultado das condições objetivas para a produção da obra, os materiais estavam acessíveis, as ferramentas necessárias também, os produtores, diante de

tais condições materiais, entraram com a parte humana, qual seja a relação do seu trabalho com os objetos, trabalho neste caso libertador no pleno sentido do termo já que feito para o prazer e deleite. E tal como Gramsci observava todos os homens são intelectuais, assim também se poderia dizer que são todos artistas.

Não pode passar despercebido que o tema da escultura seja um robô, afinal, na indústria a mão-de-obra está sendo substituída gradativamente pelos robôs, e, sendo a arte a expressão do seu tempo, que tipo de símbolo podemos perceber na figura do robô? Será um sinal de que a humanidade criou uma máquina tão sofisticada para substituir o trabalho humano e permitir a economia de tempo e energia que serão gastos em atividades emancipadoras? Ou, será que os benefícios do avanço tecnológico serão privatizados e aí, o robô não seria mais índice de libertação mas sim uma ameaça.

As florestas têm sido cada vez mais exploradas. Os países centrais do capitalismo como Estados Unidos, Japão, Reino Unido, França, Alemanha, Itália, Holanda e outros, dizimaram a maior parte de suas florestas, não havendo mais biodiversidade a ser explorada. Se a obra de arte é a natureza dominada, humanizada, as florestas são um desafio ao homem que deve utilizá-la sem comprometer definitivamente seu aspecto natural. Lembramos que a ficha 8 deste módulo tem por tema o desenvolvimento de atividades econômicas em região de floresta.

As cidades, também chamadas de “selva de pedra”, são as construções humanas por excelência, é neste espaço totalmente dominado que as relações de produção da vida e reprodução do capital assumem suas mais sofisticadas variações. São nestes lugares que os desequilíbrios da relação do homem com o meio e com os outros homens assumem, muitas vezes aspectos dramáticos. Nas cidades como

no campo ocorrem, os contatos culturais, inter-relações e confrontos entre grupos, classes, povos, culturas e nações.

As cidades não param de crescer e nelas se multiplicam os *shopping centers*, os *fastfood*, os congestionamentos e a poluição ambiental.

O campo através da mecanização das atividades agrícolas e da agro-indústria, tem sua paisagem modificada, racionalizada, marcada pela intervenção humana. Os reflexos culturais são enormes, há mudanças nos hábitos e valores. O uso da água, seu represamento, a irrigação a adaptação das culturas aos ciclos naturais, o uso de adubos naturais e/ou orgânicos as vantagens e desvantagens de cada um, são subtemas que dão margem ao debate para aprofundamento do tema.

Como sistemática permanente da ação educativa é importante que os educadores realizem diagnósticos sobre como os educandos estão compreendendo os temas de estudo e identifiquem quais os procedimentos e atitudes que favorecem a compreensão dos temas em dimensões históricas.

Em se tratando de Imagens, é importante propiciar momentos de sensibilização com os educandos, além de explorar os aspectos acima abordados possibilitando a ampliação dos conhecimentos gerais.

Pode-se propor um trabalho em grupo a partir da seguinte proposta:

1º momento: solicitar aos educando que observem as figuras. O acúmulo de informações que podem levar ao conhecimento vêm também do que vemos, assim é importante propiciar ao educando oportunidades de observarem diferentes situações.

2º momento: solicitar aos educandos que descrevam o que estão observando, orientando que ao descrever estarão buscando levantar as características do objeto que estão observando.

3º momento: solicitar aos educandos que interpretem as imagens, esclarecendo que quando interpretamos reconhecemos o sentido, exprimimos um pensamento, temos a intenção de dar uma explicação. Existem muitos tipos de sentido: social, científico, artístico, etc.

A partir desta sensibilização, cada educador poderá propor uma atividade, individual ou coletiva, que considere mais interessante relacionando as imagens ao **tema desenvolvimento**.

Abordagem III

Visa desenvolver os seguintes objetivos específicos do módulo:

- ✓ o entendimento sobre a atual mudança de paradigma do Estado: de um Estado provedor (políticas públicas voltadas para demandas sociais) para um Estado gestor (políticas públicas de oferta de serviços orientados pelo mercado)
- ✓ o entendimento do papel estratégico que o planejamento das políticas públicas e o controle do orçamento público tem para efetivar uma cidadania concreta
- ✓ a relação entre gestão, autonomia e heteronomia

Material utilizado:

Ficha 1: *Brasil* de George Israel/Nilo Romero/Cazuza, **Ficha 6:** *Pós-guerras*, de Luís Fernando Veríssimo, **Ficha 7:** *Relação com a Comunidade*, de PMSA & Fundação Santo André.

Subsídios para os Educadores:

BOITO, Armando Jr. *O Golpe de 1954: A Burguesia contra o Populismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

GENRO, Tarso. Um Debate Estratégico. In Trevas, Vicente (org). *Governo e Cidadania*, São Paulo - Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. p.p. 11-17.

SILVA Jr., I. dos R., SGUISSARDI, V. *Novas Faces da Educação Superior no Brasil*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 1999. p.p. 81-101.

SPOSATI, Aldaiza. As Mutações do Social no Brasil pós 1988. In Trevas, Vicente (org.) Governo e Cidadania, São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. p.p.91-97.

FIORI, José Luis. *Os moedeiros falsos*. Petrópolis : Ed. Vozes.(Caderno de Subsídios, módulo 3)

ANTUNES, Ricardo. O que é sindicalismo. (Caderno de Subsídio, módulo 2)

Desenvolvimento 1:

1. Em primeiro lugar, é importante propiciar que os trabalhadores exponham coletivamente suas experiências e pontos de vista com relação à tomada de decisões que orientam as políticas públicas no município.

Para tanto, propomos que algumas questões provoquem este debate, derivadas de algumas situações advindas de experiências vividas com serviços públicos essenciais. (Vide subsídio – *As mutações do social no Brasil pós-1988*). Indicamos que cada educador trabalhe com uma política pública com a qual tenha maior familiaridade, e busque aprofundar seus conhecimentos sobre o tema para realizar o desenvolvimento. É importante contatar pessoas envolvidas na questão no ambiente sindical da localidade, para aprofundar o entendimento destas questões, sobre a política em si e em especial no que tange ao atendimento público. A opção do tema pode relacionar-se também ao Ramo produtivo envolvido. Trabalhamos, a título de exemplo, o tema da *política pública de saúde*.

Provavelmente vários trabalhadores (as) já vivenciaram ou conhecem pessoas que viveram situações-limites da precariedade do sistema público de saúde no município em que vivem.

Uma questão possível é:

Na sua família, ou em famílias que vocês conhecem, já aconteceu algum caso grave de falta de atendimento médico ou hospitalar?

Talvez alguns alunos narrem fatos da televisão, por isso é importante estabelecer a *fonte* factual, e insistir em que os fatos tenham sido vividos, ou conhecidos através de pessoas próximas.

Durante os relatos, a objetividade e coerência na exposição do acontecimento são aspectos importantes a serem observados, convertendo-se em *objetivos de avaliação*.

A narrativa dos acontecimentos, em geral, incluem as causas imediatas do fato.

Algumas causas possíveis:

- não haviam médicos para atender;
- não havia vagas no hospital público;
- o hospital do município não tratava determinada enfermidade e não garantia o transporte para outras cidades em que o tratamento pudesse ser feito;
- faltaram medicamentos;
- ocorreu *erro-médico* no diagnóstico e/ou tratamento do paciente, etc.

O educador pode solicitar que após o relato, cada narrador escreva no quadro as possíveis causas, com palavras chaves.

Após o relato, é importante tentar estabelecer:

Qual foi a atitude que as pessoas tomaram durante os acontecimentos?

Em geral, nestas situações-limite, estabelecem-se conflitos com os médicos, enfermeiros, demais funcionários do hospital, centros de saúde, etc., embora nem sempre isto resulte na solução do problema. Passado este momento crítico, seja porque se solucionou o problema, seja porque a pessoa enferma faleceu, é natural que as pessoas tentem retomar seu ritmo normal de vida e o fato se converta nos inúmeros relatos sobre o mal atendimento de saúde e conduza a generalizações do tipo: o serviço público é sempre ruim, os funcionários públicos não trabalham porque são preguiçosos, nenhum político presta, e assim por diante.

Fizeram reclamações formais? Procuraram o Conselho de Saúde do município? (existe Conselho de Saúde?). Procuraram o Ministério Público? A Câmara Municipal de vereadores? A Secretaria de Saúde? O Prefeito (a)?

Quais os resultados obtidos?

Pode ser que nenhuma destas iniciativas tenha sido tomada. Mesmo que alguns problemas relatados tenham sido corrigidos a partir destas iniciativas, é importante perguntar ao coletivo se eles acreditam que estes problemas não voltaram a ocorrer. É provável que eles digam que sim, que o/s problema/s continuou ou tende a continuar a ocorrer.

Por que?

A partir das diversas falas, provavelmente emergirá o fato de que a solução de uma necessidade individualmente tratada não significa a generalização dessa mesma solução. Isso porque uma política pública, que em geral tem caráter sistêmico – ou seja, envolve diversos agentes, serviços, e unidades prestadoras, geralmente hierarquizados e com alto grau de burocracia – expressa-se no atendimento dos cidadãos, mas as soluções encontradas individualmente não

encontram ressonância no sistema como um todo, porque, dentre outros motivos, fogem ao modo como o sistema está organizado, geralmente a partir do ponto de vista do Estado, e acabam pulverizadas.

Antes de precisar do atendimento médico, vocês se interessaram pelo sistema de atendimento de saúde do município? (Estamos supondo que os relatos envolvam situações dramáticas, acidentes, enfermidades graves, etc.)

Esta necessidade pode estar vinculadas aos filhos – por exemplo no sistema de vacinação ou atendimento pré-natal, ou aos pais, por exemplo nos casos de osteoporose em idosos, câncer de próstata e outros

E depois?

Deve haver um certo constrangimento no silêncio ocasionado pela não busca de soluções, se for o caso. Aqui, o papel do educador não pode ser o da crítica pessoal aos alunos, com expressões inquisidoras ou de julgamento: *mas você deveria ter feito isto ou aquilo... porque você não fez nada?* ou uma digressão do que o educador considera politicamente correto.

É importante ter em mente que o interesse ou o desinteresse e a participação das pessoas em políticas que envolvem a saúde pública não está vinculada apenas a uma expectativa de melhoria da qualidade de vida. Na verdade, a relação que as pessoas estabelecem com o sistema de saúde está muitas vezes baseada em experiências traumáticas, envolvendo sofrimento e morte. Neste sentido, é fundamental resgatar os princípios estabelecidos no SUS – Sistema Único de Saúde, cujo caráter preventivo e de saúde se contrapõe ao caráter meramente curativo da doença. Ou seja, o sistema público de saúde deveria reificar a vida e a saúde e não simplesmente administrar a doença e a morte. A discussão do caráter do serviço público de saúde e a forma como as pessoas entram em

contato com ele é fundamental e pode permitir essa mudança de enfoque. Assim, pode-se tomar a participação nas lutas por melhores condições de saúde e melhor qualidade de vida a partir de aspectos positivos, cuja intencionalidade é eminentemente a preservação da vida. Assim, fatos extremos como a ausência de médicos e serviços hospitalares podem ser encarados não como ausência do tratamento da tragédia, mas sim como pré-requisitos para se garantir a vida. Neste sentido, a solidariedade pode ser mediada não exclusivamente pela dor, mas especialmente pela vida, e pelas condições que possam garanti-la. Cabe ao educador encaminhar este debate.

Agora propomos que o educador se baseie no quadro, a partir das causas apontadas pelos alunos e faça um diálogo com o coletivo para estabelecer causas menos imediatas, no sentido de configurar:

- **Quem define a política de saúde no município?**
- **As verbas destinadas à saúde são suficientes ou insuficientes?**
- **Estão sendo bem aplicadas?**
- **Qual é a qualidade dos serviços prestados?**
- **Os alunos conhecem algum canal de participação na definição do orçamento público? E o educador?**

Espera-se que os educadores tenham dados sobre o Orçamento Municipal, para que não se fique apenas nas generalidades.

A partir deste debate, peça aos alunos para olharem a

Ficha 5 – Números da desigualdade e pobreza no Brasil – Quadro XI – Governo Federal do Brasil...

O que representa o gasto previsto com a saúde, quando **comparado** com o orçamento geral (b)?

As respostas podem ser aproximadas (aproximadamente 4,5% ou 5%) ou exatas (4,73%).

O SUS é um sistema que prevê repasses da união e estados para os municípios, além das verbas previstas no município ao atendimento da população.

Quanto o município gasta com saúde?

A partir dos dados que o educador vai levantar, ou que a turma já levantou em atividades passadas. Se não houverem dados disponíveis, o que pode ocorrer em localidades isoladas e remotas, é importante ressaltar o fato junto aos alunos. Em cidades de porte médio e grande parece um contra-senso falar-se em indisponibilidade de dados. Lembremos que o orçamento público é de domínio público e as informações são garantidas pela Constituição. Podem ocorrer entraves à obtenção das informações na localidade, o que deve ser ressaltado pelo educador. Apenas mediante a impossibilidade de dados das localidades o educador deverá se ater somente ao orçamento da União.

Peça aos alunos para separarem a Ficha 7 – *Relação com a comunidade* para realizar um estudo e depois um debate geral.

Desenvolvimento 2:

Estudo da Ficha 7: *Relação com a comunidade*

1. O trabalho pode ser feito em pequenos grupos. A primeira leitura deve ser feita sem interrupção, para ter uma percepção geral do texto (isto é possível, porque o texto não é longo; em outras situações a leitura em partes pode ser a

recomendada). Os alunos podem organizar-se do modo como acharem melhor, indicando um leitor guia ou revezando-se na leitura de trechos, mas devem evitar a leitura truncada (nesse momento, os alunos estão *estudando* o texto, e não fazendo um exercício de leitura pública; nesse sentido, é fundamental garantir a *compreensão* do conteúdo).

2. A segunda leitura deve ser iniciada logo após a primeira para identificação do tema, do objetivo geral do texto. A segunda leitura será mais pontuada, visando a apreensão das idéias contidas no texto. Peça aos alunos que identifiquem no texto trechos que respondem às perguntas do roteiro e *usem marcador de texto* (ou outro recurso similar, como lápis ou caneta) para marcar estes trechos. *Para além da apreensão dos conteúdos, os alunos-trabalhadores estão aprendendo a estudar.*

Roteiro de estudo:

O roteiro de estudo do texto *Relação com a Comunidade* apresentado a seguir tem a finalidade de ajudar você no processo de anotação de texto; portanto, para responder as perguntas basta marcar o trecho específico do texto correspondente a cada uma e, se for o caso, anotar na margem do texto a palavra chave (por exemplo: *Controle do Estado*). Para fazer este estudo, tenha em mãos um marcador de texto ou recurso similar (lápis ou caneta); além de sublinhar ou marcar o texto, você deve indicar na margem o item correspondente.

Atenção: marcamos um texto para destacar elementos, trechos mais significativos, facilitando o fichamento ou uma retomada do assunto em outro momento. Marque apenas o trecho correspondente à pergunta; se você marcar todo o texto, a marcação não terá utilidade.

- a) Quais os mecanismos, citados no texto, que identificam as práticas políticas tradicionais em relação ao Estado?
 - b) Como se expressa a relação clientelista entre o Estado e a Sociedade, marcadamente na cultura política brasileira.
 - c) O texto discorre sobre a relação entre o Estado e a sociedade. Quais os trechos mais significativos que demonstram formas diferentes dessa relação?
 - d) Em quais trechos aparecem a caracterização da relação - distorcida em suas finalidades - entre o público e o privado?
 - e) Por que isso ocorre?
 - f) Quais mecanismos seriam importantes para o fortalecimento do poder legislativo?
 - g) Como poderia ser a relação entre o poder público e a comunidade?
 - h) Quais as conclusões a que o texto chega?
3. A partir das anotações feitas durante a segunda leitura conforme o roteiro, os alunos devem fazer o **fichamento** do texto. Para orientá-los, o (a) educador (a) pode usar o modelo anexo (se preferir pode reproduzir o modelo e dar um para cada aluno).

FICHA DE LEITURA / ESTUDO

Título: *Relação com a Comunidade*

Autor (es): *Prefeitura Municipal de Santo André & Fundação Santo André.*

Tema central:

Posições:

Linha argumentativa/analítica: *Quais foram os passos seguidos para a construção e desenvolvimento do raciocínio no caso, basicamente, positivo?*

Conclusões: *Que conclusões chegaram, a partir da análise que fizeram?*

O debate sobre o populismo e o clientelismo na cultura política brasileira requer uma análise sobre os processos históricos que envolveram a formação do Estado Brasileiro, marcado pelo patrimonialismo, pela subserviência e pela lógica do favor. Tais circunstâncias obscureceram ao longo de nossa trajetória histórica a relação entre o público e o privado e, conseqüentemente, orientou uma determinada visão de Estado.

O populismo configurou-se numa ideologia que pautou a estratégia política de dominação do Estado sobre a sociedade, inserindo-se e invertendo o campo de disputa dos trabalhadores, a exemplo do sindicalismo de Estado proposto na era Vargas. Sobre essa questão, pode-se aprofundar o debate, a partir dos seguintes subsídios:

- ✓ ANTUNES, Ricardo - *O que é Sindicalismo* (Caderno de Coletânea de Textos-Subsídios do módulo 2).
- ✓ BOITO JR., Armando. *O Golpe de 54; A burguesia contra o populismo* (Caderno de Coletânea de Textos-Subsídios do módulo 6).

Os vários processos que configuram diferentes formas de gestão pública e do papel do Estado no Brasil refletem majoritariamente os conflitos intra-elites, ou seja conflitos delimitados no campo das elites no poder não expressando uma mudança social derivada da resistência e lutas dos trabalhadores advindas das relações capital e trabalho, organização esta sufocada por regimes ditatoriais ou ressignificada e esvaziada de sua história pelas propostas via Estado ou pelas relações clientelistas aqui estabelecidas. É importante ressaltar que o

clientelismo caracteriza as relações políticas, marcadas pelo tratamento do público para fins privados presente até os dias atuais no cenário político brasileiro, a exemplo de Antonio Carlos Magalhães na Bahia.

Desenvolvimento 3:

A partir do debate sobre as experiências vivenciadas acerca da tomada de decisões que orientam as políticas públicas no município e com o fichamento da ficha 7 derivada do estudo da mesma, organizar pequenos grupos para um trabalho sobre o papel do Estado a partir das seguintes questões:

1) Tendo como referencial o município no qual se encontra o núcleo, debater:

- **Como se dá a relação entre o poder público local e a comunidade?**

Para possibilitar uma análise mais geral (mesmo que preliminar) que dê conta dos aspectos relativos ao município no que toca a gestão, planejamento e políticas públicas não se atendo as impressões derivadas de casos específicos vivenciados, é importante ter em mãos dados sobre o Orçamento Municipal, os projetos sociais existentes etc. e as experiências sistematizadas da primeira atividade proposta.

- **Há a participação da sociedade civil organizada na definição das políticas públicas locais? Se não há, quais fatores contribuem para esta realidade?**

Com base nas informações acima levantadas, pode-se debater e pontuar a partir das especificidades locais, as dificuldades ou facilidades de organização popular

- **Como poderia se dar a ampliação/democratização dos espaços públicos?**

Obs.: É importante explorar com a turma aspectos abordados no texto acerca do papel Estado tratado comumente como controlador e esvaziado de sua dimensão política, ou seja, da participação mais efetiva da sociedade nos processos decisórios procurando vincular com aspectos levantados sobre a realidade observada no municípios. Por exemplo, quais os mecanismos de controle burocrático existentes; qual a relação da comunidade e o poder público, ou seja, até que ponto há um acompanhamento dos serviços públicos prestados ou participação na definição de políticas públicas locais ou nos debates em espaços públicos a partir de organização da comunidade.

2) Pontuar as principais questões levantadas e montar um painel com os resultados de todos os grupos e debater em plenária.

3) Sistematizar os principais elementos abordados.

Desenvolvimento 2:

O trabalho com a ficha 2 (**Música: *Brasil***) pode ser iniciado da seguinte maneira:

1. Caso haja possibilidade, ouça com os alunos a música *Brasil*. Peça aos alunos suas impressões sobre o ritmo, a letra e as idéias tratadas?
2. Em seguida, pedir que os alunos em grupos leiam os versos da música:

Obs.: É interessante realizar um trabalho em grupo para explorar o conteúdo da ficha e depois debater em plenária os resultados obtidos em cada grupo.

I. Explorar o conteúdo:

- *Quem é o Brasil com o qual os autores dialogam? (com base no trecho abaixo)*

*Brasil,
Mostra a sua cara*

*Quero ver quem paga
Pra gente ficar assim*

- **Quais situações concretas (apresentar exemplos) que poderiam ilustrar as idéias contidas nos trechos abaixo:**

*Não me ofereceram
Nem um cigarro
Fiquei na porta estacionando os carros
Não me elegeram
Chefe de nada
O meu cartão de crédito é uma navalha
(...)
Não me sortearam
A garota do "Fantástico"
Não me subornaram
Será que é o meu fim
Ver TV a cores
Na taba de um índio
Programada pra só dizer sim, sim*

- **Na música, existe alguma relação com os temas debatidos na ficha 7?
Quais, por exemplo?**

II. Sistematizar os resultados dos trabalhos

III. Em plenária socializar os resultados do debate em cada grupo e realizar um debate geral com a turma afim de pontuar as principais questões abordadas (registrar os resultados).

Desenvolvimento 3:

A **ficha 6** fica a critério do Educador a proposta de desenvolvimento e suas possíveis articulações temáticas.

Abordagem IV

Visa desenvolver os seguintes objetivos específicos do módulo:

- ✓ a problemática da relação entre a sustentabilidade local (em seus aspectos econômico, ambiental e social) e o desenvolvimento nacional
- ✓ a relação entre gestão, autonomia e heteronomia
- ✓ a distinção entre práticas sociais regidas pela solidariedade e as regidas pelo antagonismo (de uma perspectiva individual, familiar, grupal, de classe)
- ✓ as relações de gênero estabelecidas na sociedade em geral, e no trabalho em particular

Material utilizado:

Fichas 9: *Os Pioneiros de Rochdale e os princípios do cooperativismo*, de Monica Rique, **Ficha 10:** *A aparência apresentada como imagem refletida do desejo, na qual caímos*, de Wolfgang Fritz Haug, **Ficha 11:** *Para Reflexão....* de Iram Jácome Rodrigues e **Ficha 12:** *Os princípios da Aliança Cooperativa Internacional - ACI*, de Monica Rique.

Subsídios para os Educadores:

CHESNAIS, François. *O Capitalismo de fim de século*. In. *Globalização e Socialismo*. São Paulo : Xamã.

FURTADO, Celso. *O capitalismo global*. Rio de Janeiro : Paz e Terra

SINGER, Paul. *Mercado e cooperação: um caminho para o socialismo*. In. *Desorganizando o consenso*. Petrópolis : Ed.Vozes.

BRESCIANI, Maria S.M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. Capítulos: *A Descida aos Infernos* e *A Colméia Popular*, disponível no núcleo.

CARMO, Paulo Sérgio do. *A ideologia do trabalho*. São Paulo : Ed. Moderna, 1995. p.p. 64-74.

ANTUNES, Ricardo - *O que é Sindicalismo* (Caderno de Subsídios, módulo 2).

Desenvolvimento 1:

Dividir a turma em pequenos grupos para que realizem o estudo da ficha 9: *Os Pioneiros de Rochdale e os Princípios do Cooperativismo*.

Para melhor compreender os aspectos históricos apontados na ficha é possível organizar o trabalho em dois momentos.

1º momento: A primeira parte do texto (págs.1, 2, 3 e 4 – até o trecho que antecede o tópico Os movimento sociais que antecederam Rochdale) contextualiza - de forma panorâmica - as condições em que vivia a classe trabalhadora no século XIX na Inglaterra para situar a organização das primeiras cooperativas naquele momento.

Vários elementos relativos ao cotidiano dos trabalhadores são apontados, seja no trabalho ou fora dele. Para subsidiar essa discussão, utilizar o Livro: BRESCIANI, Maria S.M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. Capítulos: *A Descida aos Infernos* e *A Colméia Popular*, disponível no núcleo. A autora procura mostrar o custo social do crescimento econômico, os efeitos devastadores da aglomeração urbana e a situação de extrema exploração

da classe trabalhadora nos centros urbanos no final do século XIX, especificamente na Inglaterra.

Pode-se elaborar um quadro síntese com as informações que o texto aponta a partir do roteiro abaixo, que pode ser acrescido de outros itens que se julgarem relevantes.

Situar o contexto: Onde ocorre? Qual é o período que está sendo abordado?

1) Como era o Trabalho na fábrica

- Quem trabalhava nas fábricas?
- Qual era a jornada de trabalho?
- Como eram as condições do local de trabalho?
- Há participação das mulheres no mercado de trabalho? Que tipo de trabalho são realizados por elas?

2) Como era a vida dos trabalhadores:

- Sua moradia
- O acesso a Educação
- Qual era a expectativa de vida da população

3) A organização dos trabalhadores:

- Quais as principais ações
- Qual o impacto destas ações

Com base neste roteiro, pode-se também organizar dados relativos ao momento atual. Para isso, alguns tópicos merecem um trabalho de pesquisa, especialmente relativo à questão de **gênero** no Brasil. O educador deve orientar esta pesquisa. Para subsidiar este trabalho com relação aos aspectos históricos quanto aos direitos dos trabalhadores e o sindicalismo no Brasil, utilizar os capítulos: 10 e 11 do livro: CARMO, Paulo Sérgio do. *A ideologia do trabalho* (Caderno de Coletânea de Textos-Subsídios do módulo 6) e ANTUNES, Ricardo - *O que é Sindicalismo* (Caderno de Coletânea de Textos-Subsídios do módulo 2).

Depois pode-se construir um quadro comparativo entre os dados levantados nos dois períodos.

Dividir os grupos para a organização das informações a partir do roteiro proposto. Realizada esta etapa, elaborar coletivamente o quadro-síntese que possibilite a comparação entre os dois períodos levantados com base nas informações organizadas pelos grupos. Considerando os resultados alcançados a partir da análise dos quadros comparativos, cabe uma tentativa de explicação: que fatores históricos e sociais explicam esses resultados? Não é preciso chegar a uma resposta definitiva, mas é importante que os alunos façam hipóteses e as registrem. Para isso, proponha novamente a discussão em grupo e o levantamento de hipóteses; ao final, cada grupo expõe suas hipóteses e se faz uma síntese da turma.

2º momento: Num segundo momento, pode-se estudar os movimentos que influenciaram as primeiras experiências cooperativas, apontados na ficha: *O Cartismo e Owenismo*, ampliando, assim, o conhecimento sobre a história das lutas dos trabalhadores.

Fazer a leitura da segunda parte da ficha (págs. 4, 5, 6, 7, 8 e 9) em grupo ou individualmente. É importante que se organize um estudo sistemático do texto buscando identificar palavras-chaves, argumentos, avaliação das informações

sublinhando/marcando o texto ou com outro recurso que for considerado mais adequado.

Feito o trabalho de análise do texto, é importante realizar uma atividade para uma primeira sondagem sobre os conhecimentos trazidos pelos alunos-trabalhadores acerca do tema Cooperativismo: O que conhecem sobre o assunto? Se já chegaram a debater coletivamente o tema? Quais suas primeiras impressões?

Desenvolvimento 2:

As construções das alternativas de trabalho e renda e a questão da Economia Solidária vem ganhando relevância frente ao aumento das taxas de desemprego vinculada a reconversão produtiva com a eliminação crescente de postos de trabalho acrescida da política econômica governamental adotada no Brasil, marcadamente nos anos 90. Para compreender melhor a relação entre crescimento econômico e desemprego/desenvolvimento social, utilizar a **ficha 11: Para reflexão..., de Iram Jácome.**

É possível refletir sobre o discurso que propõe que um maior crescimento da economia seria suficiente para diminuir os índices de desemprego.

O texto e as tabelas da ficha mostram que até o final da década de 80 havia uma relação direta entre crescimento econômico e diminuição do desemprego, porém, a partir dos anos 90 ainda que tenha havido crescimento econômico o desemprego aumentou.

O que as estatísticas mostram, portanto, é que o país vem produzindo cada vez mais riquezas nos últimos anos sem que isso se reflita na melhoria das condições de vida da maior parte da população.

Enquanto a participação do Brasil na produção da riqueza mundial coloca o país entre as dez maiores economias do globo, os índices de desenvolvimento

sociais, que medem a miséria nacional, colocam o mesmo Brasil entre os países que oferecem as piores condições para o pleno desenvolvimento humano.

Após a leitura da ficha feita pelos alunos-trabalhadores e a releitura com explicações feita pelo educador, propor um debate entre os educandos sobre as condições de vida em sua região.

- **A cidade/região está mais rica que há vinte anos? Riquezas surgiram ou aumentaram nesse período? E quanto ao crescimento da pobreza, existem famílias que estão mais pobres que há vinte anos?**

Para que possa haver um maior dinamismo talvez fosse interessante dividir a sala em dois grupos, atribuindo a um a tarefa de coletar dados sobre o aumento da riqueza e o outro sobre o aumento da pobreza.

É importante que os grupos organizem a exposição das conclusões em cartazes/quadros, que permitam o debate coletivo visualizando a produção de todos os grupos.

Desenvolvimento 3:

O trabalho com a **Ficha 12: Os Princípios da Aliança Cooperativa Internacional (ACI)** ganha relevância após as atividades anteriores, que possibilitam uma análise preliminar da atual conjuntura e a contextualização das origens das organizações cooperativas dos trabalhadores.

Com base no texto, como poderia de constituir alternativas para os trabalhadores enfrentarem a questão do desemprego, orientando-se pelos princípios destacados no texto?

É interessante recuperar informações levantadas em outras propostas de trabalho neste módulo relativas as especificidades locais/regionais que subsidiem o

debate sobre as alternativas considerando o desenvolvimento sustentável local e o desenvolvimento no país como um todo.

Para debater os princípios, precisamos debater sobre o que se entende, por exemplo, sobre a solidariedade - que vêm sendo amplamente disseminada (inclusive pelo governo em suas campanhas relativas as políticas sociais, a exemplo da Educação - Projeto Amigos da Escola) que na verdade reflete uma desresponsabilização por parte do Estado fundamentada pela idéia da impossibilidade (de investimentos de recursos financeiros e humanos) de o Estado garantir direitos básicos, daí a solução ser transferida à sociedade (para todos os indivíduos).

Porém, é preciso realizarmos um debate junto aos alunos-trabalhadores e a comunidade sobre como cada um pensa sobre a solidariedade e como ela se expressa nas práticas cotidianas de cada um. Para isso, cada educador pode propor que se monte um painel procurando identificar quais as relações estabelecidas em diferentes espaços de vivência: no trabalho, na família, na comunidade, etc.. Por exemplo: pode-se propor um exercício de dramatização a partir de uma **situação-problema** para ser vivenciada pela turma.

"Todos trabalham numa mesma empresa (escolher o ramo). Surge um boato (ainda não é oficializado) que empresa estará reduzindo o quadro de funcionários num momento próximo. Uma circular chega para instruir novas formas de gestão do trabalho para garantir maior produtividade."

O grupo constrói o desfecho da história.

Após a dramatização, abre-se o debate com toda a turma sobre os elementos que ganharam maior significado (registrar).

O tema da solidariedade nos impõe um grande desafio, pois vivemos num momento em que predominam, a partir da lógica do mercado, os discursos da realização / satisfação das pessoas baseados na competição e em valores individualistas. Se contrapor a tal lógica requer recuperar a história de lutas da classe trabalhadora com o objetivo de desnaturalizar e politizar a ação coletiva a partir dos interesses da classe trabalhadora quanto a melhoria das condições de vida, da emancipação econômica, política e social. É importante debater e refletir sobre as contradições que são ocultadas pelos discursos da solidariedade e as perspectivas que a turma levanta, procurando explicitar a diferença entre o discurso da solidariedade (que muitas vezes confunde-se com o mero assistencialismo, visto do ponto de vista individual) e as práticas sociais solidárias numa perspectiva de classe.

Prosseguindo a discussão, pegar a ficha 10: *A aparência apresentada como imagem refletida do desejo, na qual caímos*, pode-se discutir a questão da autonomia e heteronomia e suas implicações quando se pensa a solidariedade numa perspectiva de classe, refletindo, inicialmente, sobre como se constituem novas necessidades que surgem o tempo todo (necessidade que tenho hoje e não tinha há um ano atrás), necessidades, de um lado, vinculadas ao desejo de possuir determinado produto e, de outro, construídas socialmente, como é o caso de alguns eletrodomésticos, que hoje parecem essenciais. Tanto em um caso, como no outro, o que interessa é perceber as mediações que as mercadorias realizam em nossas vidas, constituindo uma complexa rede de relações sociais onde as pessoas para se valorizarem precisam do valor das coisas.

Até que ponto podemos escolher coisas que possibilitem nossa realização enquanto seres sociais/humanizados e autônomos ?

Para tornar mais factível esta discussão, que parece abstrata, é importante realizar exercícios com o olhar em fatos cotidianos que demonstrem a sedução da *mercadoria*.

Como exemplo, podemos pensar nas campanhas publicitárias hoje, que postulam desejos não pelos produtos a que se referem, mas vinculam a um modo de viver e de se relacionar no mundo: um carro importado pode ser inacessível segundo nossas condições materiais, mas um celular que, supostamente, nos dá a vantagem de comunicarmos com qualquer parte da cidade em segundos, podemos adquirir. Até que ponto essa escolha é autônoma? É possível autonomia absoluta?

É importante que se tenha o cuidado para não desencadear uma discussão preconceituosa e competitiva (quem possui isto ou aquilo), mas que construa coletivamente momentos para se pensar criticamente até que ponto nos condicionamos e naturalizamos determinadas relações (que são construídas pelos homens) na perspectiva de pensar outras possibilidades de relação com as pessoas e as coisas. A autonomia, pensada e vivida na perspectiva de classe, não pode se restringir ao âmbito individual (deve sim, ser considerada também), mas construída pelo e para o conjunto dos trabalhadores.

A partir do trecho:

"...Logo não existirá mais nenhuma outra linguagem, a não ser aquela transmitida pelas mercadorias. Como é que alguém, constantemente assediado por uma coleção de imagens de desejos já previamente desvendadas, se comporta e, sobretudo, se modifica?"

- *O que o autor quer dizer?*
- *Existe exemplo (s) vivenciado (s) no cotidiano que expresse esta idéia? Qual (is)?*

Sistematizar os resultados do trabalho e encaminhar para um debate geral.

Questões para o debate geral:

- **Quais as saídas apontadas para o desemprego que são ouvidas cotidianamente pelos alunos-trabalhadores? (divulgados na mídia ou em outros espaços)**
- **Essas saídas representam a visão de quais setores da sociedade?**
- **Comumente ouvimos dizer que a educação e a saúde pública – por exemplo - estão precárias quanto a qualidade de atendimento, infraestrutura etc. Quais as soluções apontadas para resolver estes problemas? Quem as aponta?**
- **Tanto numa situação quanto na outra, quando se pensa na participação da sociedade na resolução dos problemas, qual perspectiva é apontada? A organização dos trabalhadores pode ter (e qual) um impacto para uma nova perspectiva de participação?**

Executiva Nacional da CUT 2000/2003

João Antonio Felício: Presidente
Mônica Valente: Vice-Presidente
Carlos Alberto Grana: Secretário Geral
Remígio Todeschini: 1º Secretário
João Vaccari Neto: Tesoureiro
Kjeld A. Jacobsen: Secretário de Relações Internacionais
Gilda Almeida de Souza: Secretário de Política Sindical
Altemir Antônio Tortelli: Secretário de Formação
Sandra Rodrigues Cabral: Secretária de Comunicação
Pascoal Carneiro: Secretário de Políticas Sociais
Rafael Freire Neto: Secretário de Organização

Diretoria Executiva:

José Jairo Ferreira Cabral, Maria Ednalva Bezerra de Lima, Elisângela dos Santos Araújo, Luzia de Oliveira Fati, Riata de Cássia Evaristo, Lúcia Regina dos Santos Reis, Jorge Luís Martins, Lujan Maria Bacelar de Miranda, Temístocles Marcelos Neto, José Maria de Almeida, Júnia da Silva Gouvêa, Wagner Gomes, Gilson Luís Reis, Júlio Turra.

Suplentes:

José Gerônimo Brumatti, Francisco Alano, Aldanir Carlos dos Santos, Wanderley Antunes Bezerra, Rosane da Silva, Dirceu Travesso, Mônica Cristina da S. Custódio.

Secretaria Nacional de Formação

Secretário Nacional de Formação: Altemir Tortelli

Coordenação: Martinho da Conceição

Equipe Técnica: Marta Domingues, Dirceu Fumagalli, Gilberto Barbosa da Silva, Maria Esther Basualdo, Rosana Miyashiro Fahl, Maristela M. Bárbara, Egeu Gomez C. Furtado, Rogério Giannini

Parcerias: Dieese – Sirlei Márcia de Oliveira

Consultorias: Prof. Dr. João dos Reis da Silva Jr. e Prof. Dr. Jorge Luiz Cammarano González, ambos membros do Núcleo de Educação e Trabalho da PUC/SP

Participaram da elaboração desta publicação: Marta Domingues, Rosana Miyashiro Fahl, Maristela M. Bárbara

Assessoria Externa: João Nogueira CUT/NT Raça, Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto – Professor do Programa de Mestrado, da Universidade de Sorocaba – UNISO, Maria Auxiliadora B. A Megid - Unicamp

Apoios: Vera Lúcia de Oliveira

Confederações

Presidente

Eliane Cruz – CNTSS
Edson Luiz Bernardes – CONTICOM
Siderlei de Oliveira – CONTAC
Jaci Pinheiro da Silva – CNTV
Juarez Bispo Mateus – CNTT
Roselaine Pasquale – CONTRACS
Edilson de Paula Oliveira – CNQ
Manoel Messias Mello – FENADADOS
Luiz Antônio Souza e Silva – FITTEL
Severino Vasconcelos Aragão Filho – CNTSM
José Rui Ferreira – FAZER
Lenildo Dias de Moraes – SINPAF
Luiz Gonzaga Ulhoa Tenório – FNU

Secretário (a) de Formação

Islany da Silva – CNTSS
Paulo Cesar Borba Peres – CONTICOM
Mewton Wibbay de Araújo – CONTAC
Ademar Pereira da Silva – CNTV
Eduardo Pacheco – CNTT
Germano Quevedo – CONTRACS
Francisco José Souza Ribeiro – CNQ
Avel de Alencar – FENADADOS
Eliane Neves – FITTEL
Benjamim Ferreira de Souza – CNTSM
Thomas Edson Góes de Araújo – FASER
Jorge Cerbaro – SINPAF
Solange Maria de Freitas Bezerra – FNU

Coordenadores Executivos e Coordenadores Pedagógicos das Confederações